



Eleição de julho

Diplomata discreto é última cartada para pôr fim à ditadura na Venezuela

— Edmundo González Urrutia, de 74 anos, substituto de María Corina Machado, é o escolhido da oposição para derrotar Maduro e encerrar duas décadas de chavismo

CAROLINA MARINS

Depois de a ditadura de Nicolás Maduro proibir a candidatura de María Corina Machado e de Corina Yoris, a chapa opositora definiu o diplomata Edmundo González Urrutia como candidato na eleição de 28 de julho. Até então desconhecido, ele se tornou a última cartada para encerrar duas décadas de chavismo.

Seu nome não era nem de longe a primeira opção da Plataforma Unitária Democrática (PUD), aliança que reúne vários partidos de oposição sob a liderança de María Corina. A escolha foi uma surpresa para o próprio Urrutia. “Nunca pensei estar nesta posição”, admitiu o candidato, em entrevista à France-Presse.

Sua candidatura surgiu ao acaso, apenas para garantir que a PUD tivesse lugar na cédula. A aliança havia definido que Yoris substituiria María Corina, mas o sistema não permitiu o registro da filósofa como candidata — sem que houvesse qualquer explicação.

Diante da janela que se fechava, surgiu Urrutia. A intenção era substituí-lo mais adiante, mas as chances de um novo nome também ser barrado consolidou sua candidatura. “Quando me propuseram isso, eu disse que, se a designação fosse unânime, era um compromisso que eu aceitaria. E assim foi”, afirmou.

“A candidatura de Urrutia mostra como o governo reduz a competitividade eleitoral à sua mínima expressão”, explica Xavier Rodríguez-Franco, cientista político e apresentador do podcast ‘Mirada Semanal’.

BIOGRAFIA. Urrutia tem 74 anos e é diplomata de carreira, formado pela Universidade Central da Venezuela (UCV). Em 1981, fez mestrado em relações internacionais pela American University, de Washington. Foi embaixador na Argentina, entre 1991 e 1993, e na Argentina, de 1998 a 2002.

Ocupou cargos na chancelaria, entre 1994 e 1998, e dirigiu o comitê de planejamento estratégico do Ministério das Relações Exteriores. “Urrutia



Edmundo González Urrutia: aposta da oposição, diplomata moderado faz aceno ao chavismo em busca de uma reconciliação nacional

“Urrutia esteve à margem da política e isso contribuiu para reduzir o nível de desconfiança. Porque, após tantos fracassos, as pessoas foram se distanciando dos partidos tradicionais de oposição”

Xavier Rodríguez-Franco
Cientista político e
apresentador do podcast
‘Mirada Semanal’

atuou em cinco governos, incluindo o de Hugo Chávez. Essa formação faz dele um moderado”, disse o analista político Francisco Alfaro Pareja.

Antes de se tornar candidato, Urrutia não tinha fotos na internet e mal utilizava as redes sociais. Agora, corre contra o tempo para dar entrevistas e popularizar seu nome. Ser um desconhecido, no entanto, apesar do desafio, é também

seu maior ativo. “Ele sempre esteve muito nas sombras”, disse Rodríguez-Franco.

A discrição joga a favor, já que desperta pouca rejeição. O maior desafio da oposição era justamente definir um nome que reunisse tanto apoio quanto María Corina, mas sem o passivo dos nomes famosos da oposição. “Urrutia esteve à margem da política e isso contribuiu para reduzir o nível de desconfiança. Porque, após tantos fracassos, as pessoas foram se distanciando dos partidos tradicionais de oposição”, afirma Rodríguez-Franco.

Outro risco era de o nome cair em uma “malha fina” de entraves do chavismo, o que parece menos provável com um diplomata sem histórico político e enroscado na Justiça. Porém, não impossível, já que Corina Yoris também atendia aos mesmos requisitos.

CONSENSO. O nome do diplomata também serviu para finalmente chegar a um consenso na oposição, que historicamente é fragmentada e desconfiada de si mesma. Um consenso que, talvez, nem o chavismo esperava. “A chave é a unidade. Dizem que o candidato não é Edmundo González Urrutia,

mas sim a unidade”, aponta Alfaro Pareja.

Não à toa, em suas primeiras entrevistas, ele faz questão de dizer que a líder da oposição continua sendo María Corina. “Urrutia atraiu apoio tanto de setores mais radicais da oposição, ligados a María Corina, quanto de grupos moderados”, afirma Alfaro Pareja.

Reconciliação
O discurso de Urrutia beira a anistia, que seria a única forma de convencer Maduro a entregar o poder

Entre as razões para o chavismo manter Urrutia como candidato estaria o efeito surpresa, segundo o analista. Chamado de “candidato tampão”, ele deveria ser substituído até 22 de abril, quando terminava o prazo para confirmação das candidaturas. Todos esperavam uma mudança, que não aconteceu. “Para o governo, nunca existiu a possibilidade de que ele acabasse sendo o candidato de fato. Isso torna mais difícil inventar qualquer desculpa para rejeitá-lo.”

Mas ninguém descarta que Maduro ainda utilize algum ar-

tifício legal para invalidar a candidatura de Urrutia. “Sua nomeação provocou comoção dentro do chavismo, porque pesquisas mostram que as pessoas estão mais dispostas a votar em alguém desconhecido do que em Maduro”, afirma Rodríguez-Franco.

Em suas entrevistas, Urrutia tem falado em “reconciliação” e tentado entrar em contato tanto com a oposição que ainda não o conhece quanto com pessoas próximas do governo. O termo reconciliação era mais difícil de se esperar vindo de María Corina, vista como inimiga mortal do regime.

O discurso de Urrutia traz uma linguagem que beira a anistia, que pode não agradar muitos setores perseguidos da sociedade venezuelana, mas é vista como a única forma de convencer o chavismo a entregar o poder em caso de derrota.

“A mensagem que Urrutia tem dado é de aproximação com o governo, de diálogo com as Forças Armadas e de reconciliação nacional”, disse Alfaro Pareja. “É uma oportunidade importante de saída para o governo, que poderia se afastar temporariamente para retornar em algum momento mais tarde.” ● COM AFP